



P E N G U I N



C L Á S S I C O S

MARK TWAIN

CARTAS DA TERRA



MARK TWAIN, pseudónimo de SAMUEL LANGHORNE CLEMENS, nasceu a 30 de novembro de 1835, em Florida, Missouri. O sexto de sete filhos, perdeu dois irmãos quando ainda era criança. Em 1847, pouco depois da morte do pai, tornou-se aprendiz de tipógrafo na redação de um jornal local. Com dezoito anos, viajou para Nova Iorque, passando também por Filadélfia, trabalhou em vários jornais e escreveu os seus primeiros artigos. Em 1857, regressa a casa e emprega-se como piloto no rio Mississípi, profissão bastante cobiçada à época; foi neste contexto que conheceu o termo náutico que viria a adotar como pseudónimo: «Mark Twain.» Após o estalar da Guerra Civil Americana, em 1861, alista-se no Exército da Confederação, mas a sua participação no conflito durou apenas duas semanas. Em 1867, embarca numa viagem à Europa, experiência que relata em *The Innocents Abroad*, e conhece Charles Langdon, que o apresentou à sua irmã, Olivia. Sam e Olivia apaixonam-se, e casam em 1870. No mesmo ano, nasce o primeiro filho do casal, Langdon, que viria a contrair difteria, morrendo aos dois anos. Contudo, a família continua a crescer: Suzy nasceu em 1872, Clara em 1874 e Jean em 1880. Os anos seguintes foram marcados por investimentos falhados, que levaram o autor a escrever e embarcar em digressões para garantir a subsistência, mas também pela publicação dos seus livros mais lidos, como *As Aventuras de Tom Sawyer* (1876) e *Huckleberry Finn* (1884), primeira obra publicada pela editora que Twain fundou. Entre 1891 e 1900, viaja pelo mundo com a família e assiste em primeira mão ao tratamento dado pelos colonizadores aos povos colonizados, experiência que o impeliu a declarar-se anti-imperialista. Os livros que publicou nesta época exprimem as suas preocupações e convicções políticas: neles, critica o antisemitismo, o racismo, o colonialismo e o imperialismo e denuncia a corrupção

e a hipocrisia das sociedades ocidentais. As obras tardias do autor são ainda pautadas por um pessimismo mordaz e crítico em relação a Deus e à religião organizada, refletindo a melancolia e a angústia que sentia perante a morte da mulher e das filhas Suzy e Jean, entre 1896 e 1909. Tal como desejava, Mark Twain morreu em 1910, um mês antes da passagem do cometa Halley, deixando uma vasta obra na qual se incluem vários géneros, como romance, literatura de viagens, ensaio, memórias, crónicas, discursos e outros títulos que desafiam classificação, reveladores do seu génio e versatilidade.

ANTÓNIO ARAÚJO nasceu em 1966, em Lisboa, onde vive. Jurista e historiador, tem publicado diversos livros e artigos sobre Direito Constitucional, Ciência Política e História Contemporânea. Professor universitário, é administrador e diretor de publicações da Fundação Francisco Manuel dos Santos e colabora regularmente com os jornais *Diário de Notícias* e *Público*.

MADALENA CARAMONA nasceu em 1982 em Castelo Branco. Vive e trabalha em Sintra. É licenciada em Línguas e Literatura Modernas pela Universidade Nova de Lisboa, com um *minor* em tradução, e pós-graduada em Edição e Revisão de Texto pela Universidade Católica Portuguesa. Traduz, sobretudo, de e para inglês. Traduziu e reviu obras de Mark Twain, Elias Canetti, Eduardo Galeano, James Joyce, Silvina Ocampo, Max Aub, entre outros. Viveu quase uma década em Dublin, na República da Irlanda, onde geriu pessoas e projetos nas mais altas nuvens tecnológicas e se tornou dependente de chá. Regressou a Portugal em 2014 e fundou a Oficina Caixa Alta, onde faz e ajuda a fazer livros.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	vii
CARTAS DA TERRA	1
As Cartas de Satanás	11
Primeira Carta	13
Segunda Carta	15
Terceira Carta	25
Quarta Carta	37
Quinta Carta	41
Sexta Carta	47
Sétima Carta	55
Oitava Carta	67
Nona Carta	77
Décima Carta	81
Décima Primeira Carta	93
POSFÁCIO	
Acerca das <i>Cartas da Terra</i>	99

INTRODUÇÃO

Este livro tem uma história, como todos. Mark Twain, nome literário de Samuel Langhorne Clemens (1835-1910), escreveu-o em tempo recorde, entre o início de Outubro e o final de Novembro de 1909, uns escassos seis ou sete meses antes de morrer (já agora: de ataque cardíaco, precipitado por uma *angina pectoris*). É, pois, uma obra terminal e de final de vida, redigida numa longa fase de depressão e de angústia, causada por muitas mortes: a da filha Susy, de meningite, em 1896; a de Olivia, a amada mulher, em 1904, vitimada por crise cardíaca quando repousava em Florença; a do amigo e protector Huttleston Rogers, milionário do petróleo, falecido subitamente em Maio de 1909, e em cuja casa Twain encontrara uma segunda família, à falta da primeira; a da filha Jean, afogada na banheira da casa paterna, na véspera de Natal de 1909, pouco depois de o pai ter regressado das Bermudas, para onde fora com o reverendo Joseph Twichel, seu velho amigo, logo após concluir o manuscrito destas *Cartas da Terra*¹.

A juntar a tudo isso — e este será, porventura, o ponto fundamental —, Twain começou a escrever as *Cartas* pela mesma altura em que, a 6 de Outubro de 1909, a sua filha Clara abandonou para sempre o lar paterno para casar com Ossip Gabrilowitsch, um pianista judeu de origem russa, nascido em Sampetersburgo (a acrescer a tanta tragédia, a filha deste casal, Nina, a última descendente viva de Mark Twain, nascida quatro meses após a morte do avô, suicidar-se-ia num hotel de Los Angeles, em Janeiro de 1966, no culminar de uma longa dependência alcoólica). O casamento de Clara e Ossip realizou-se no *drawing room* de Stormfield, a casa de Twain em Redding, no Connecticut, e foi presidido pelo reverendo Joseph Twichel, atrás citado, o melhor e mais antigo amigo do escritor, que oficiara o seu casamento e baptizara as suas três filhas, Susy, Jean e Clara (o primogénito, Langdon, morrera de difteria com apenas 19 meses, quando a família vivia ainda em Buffalo, Nova Iorque).

No decurso da cerimónia, ou perto dela, Twain afirmou, talvez com uma ponta de amargura, que o matrimónio da filha não era novidade, pois, seis anos antes, o seu noivado fora feito e desfeito duas vezes. Esclareceu ainda que a boda tinha lugar naquela altura porque, por um lado, Ossip só há pouco havia recuperado de uma cirurgia, realizada no Verão desse ano de 1909, e, por outro, porque o casal tinha de partir rapidamente para a Europa, pois

Ossip assumira compromissos profissionais na temporada musical de Berlim. Ou seja, e em suma, Mark Twain ficava agora sozinho em casa, com a querida Clara distante, do lado de lá do Atlântico.

Sobrava-lhe uma outra filha, Jean, mas esta, desde a adolescência, padecia de uma grave epilepsia, que lhe provocava súbitas mudanças de humor, espasmos violentos, ataques de fúria, gestos descontrolados. A secretária de Twain, Isabel Lyon, chegou a dizer que, em 1906, Jean agredira barbaramente a empregada da família, Katy Leary, até com intenção de matá-la, mas a história é bem mais complexa do que isso — e tem enredo vitoriano. Isabel, nascida numa família abastada de Nova Iorque, mas caída na pobreza devido à morte prematura do pai, fizera-se governanta e, na década de 1890, conheceu Twain e a mulher. Em 1902, o escritor contratou-a como secretária, pois Olivia, devido à sua doença cardíaca, não podia mais ajudá-lo a tratar da correspondência e na redação da sua autobiografia. Com a morte súbita de Olivia, em 1904, Isabel mudou-se para a casa de Twain e começou a gerir-lhe a vida como se fosse sua mulher: distribuía as mesadas às filhas, supervisionava a construção e a decoração de Stormfield, administrava aquela propriedade e os outros bens do escritor. Mark Twain ou, se quisermos, Samuel Clemens, tinha inteira confiança nela e tornou-se seu dependente: comprou-lhe uma casa, The Lobster Pot,

nas imediações da sua, e, pior do que isso, passou-lhe uma procuração com amplos e fatais poderes. Isabel, garantem-no muitos biógrafos, ensaiou então uma manobra clássica e, com algum sucesso, conseguiu afastar as filhas do pai, isolando-o em aracnídea urdidura: em 1906, Jean fora internada num sanatório para epiléticos em Katonah, Nova Iorque, e, apesar dos seus insistentes pedidos para regressar a casa, Twain declinou recebê-la, alegando não ter condições para cuidar dela; a outra filha, Clara, tinha um ponto fraco, um *handicap* que Isabel conhecia e explorava, pois mantinha ou mantivera, parece, uma relação sentimental com um homem casado, talvez a razão do fazer e desfazer do seu noivado com o pianista russo. Diz-se, inclusive, que, para camuflar aquele caso, a família plantou na imprensa uma historieta romântica, segundo a qual, em Dezembro de 1908, Ossip e Clara foram dar um passeio de trenó, mas um dos cavalos assustou-se, por causa do bater de um jornal na rua, e disparou a toda a brida, fazendo Ossip perder o controlo e levando o trenó para perto de uma perigosa ravina, com mais de 15 metros de altura. Clara foi lançada borda fora, mas, com muito sangue-frio e não menor heroísmo, Ossip conseguiu salvá-la de uma morte certa, saindo do incidente com um pé torcido — e uma noiva.

Em Março de 1909, Isabel Lyon casou com Ralph Ashcroft, sócio de Twain em alguns negócios, mas, não

muito depois, o escritor começou a desconfiar que o casal o enganava, usando o seu dinheiro para fazer grandes e vultuosas obras em *The Lobster Pot*. Passado um mês, em Abril, Isabel seria despedida com fragor e estrondo, com Twain furibundo, a exigir, e a conseguir, que ela lhe devolvesse a casa. Chamou-lhe todos os nomes, em cata-dupa de insultos: «mentirosa, falsária, ladra, hipócrita, bêbada, furtiva, farsante, traidora, conspiradora, vagabunda obscena com uma mente ansiosa de sedução». Acusou-a, inclusive, de o ter tentado seduzir para casar com ele — o que, diga-se, era um projecto fadado ao insucesso, pois à época as atenções amorosas de Mark Twain pareciam concentrar-se em Charlotte Teller, uma escritora à beira dos trinta, ainda solteira, que vivia com a avó a dois passos de sua casa.

Para se ter uma noção da importância daquele episódio doméstico, essencial para compreendermos a tonalidade ácida e cáustica de *Cartas da Terra*, bastará dizer que Mark Twain chegou a redigir um texto de 429 páginas com queixas contra o casal Lyon-Ashcroft. Escrito sob a forma de uma carta a um amigo, o escritor, editor e dramaturgo William Dean Howells, cognominado «The Dean of American Letters», o libelo só deveria ser dado à estampa se a ex-secretária viesse denegri-lo em público, o que nunca veio a acontecer. Isabel e o marido optaram por mudar-se prudentemente para o Canadá, divorciaram-se

anos depois, ela regressou à América, fixou-se em Nova Iorque e fez-se de novo secretária. Raramente falaria de Mark Twain durante a sua longa existência, terminada em 1958, aos noventa e cinco anos, num apartamento modesto de Greenwich Village.

Despedida Isabel por causa mais do que justa, Jean pôde enfim regressar à morada paterna, o que ocorreu naquele mesmo mês de Abril de 1909. As relações entre pai e filha, porém, jamais recuperariam o calor de outrora: além da ferida causada pelo episódio com a pérfida secretária, Samuel Clemens era agora, e cada vez mais, um homem velho no corpo e no espírito, desalentado com o mundo e com os outros, descrente de Deus e da espécie humana. Jean, que morreria pouco depois, acometida de um ataque epiléptico enquanto tomava banho, achava-o teimoso e temperamental. E ele, de seu lado, parecia pressentir e ambicionar a morte. Tendo nascido em 30 de Novembro de 1835, pouco depois da última aparição do cometa Halley, dizia que este, quando voltasse a surgir nos céus, o iria levar consigo para os confins do universo. Premonição singular e certa: Samuel Langhorne Clemens, escritor, humorista, palestrante, empresário e muito mais coisas, figura *bigger than life*, morreria em Redding, no Connecticut, a 21 de Abril de 1910, um mês antes de o Halley regressar à Terra.

*

A história, contudo, não termina aqui, longe disso. Em 1938, após a morte de Albert Bigelow Paine, biógrafo e amigo do escritor, Bernard DeVoto tornou-se o editor literário do Mark Twain Estate. Um ano depois, e como lhe fora determinado, apresentou aos *trustees* daquele legado uma proposta de publicação das *Cartas da Terra*, a que acrescentou um conjunto de outros textos, alguns congêneres daquele, como «Papers of the Adam Family» e «Letter to the Earth» (mais tarde publicado como «Letter from the Recording Angel»), outros nem tanto assim, a saber: «A Cat Tale», «Cooper's Prose Style», «Official Report to the I.I.A.S. [Indianapolis Institute of Applied Science]», «The Gorky Incident», «Simplified Spelling», «Something about Repentance», «From an English Notebook», «The French and the Comanches», «From an Unfinished Burlesque of Books on Etiquette», «The Damned Human Race» e «The Great Dark».

Clara Clemens, a única filha viva do escritor, objectou à publicação de *Cartas da Terra* (para mais, quando a obra estava pronta para ser impressa!), receando que o livro transmitisse aos leitores uma ideia falsa sobre as crenças religiosas do pai². Passaram-se anos sem fim, mais de duas décadas, e Bernard DeVoto, o devoto organizador da obra, acabaria por morrer em Novembro de 1955 (não sem antes ter sido alvo de acusações de simpatias comunistas, em 1938, enquanto, pela mesma época, a esquerda lhe

chamava fascista). Então, entrou em cena um novo editor literário dos papéis de Mark Twain, Henry Nash Smith, o qual, em 1962, obteve finalmente a autorização de Clara para publicar *Cartas da Terra*. Tal mudança de atitude ficou a dever-se, segundo ela, ao facto de Mark Twain «pertencer ao mundo» e de este ser agora mais tolerante e aberto do que duas décadas atrás. Porém, e de acordo com o *The New York Times*, parece ter havido também razões políticas e pragmáticas, ligadas à Guerra Fria, uma vez que a URSS andava a espalhar o rumor de que a obra de Twain era alvo de censura nos Estados Unidos, o que não deixava de ter um fundo de verdade, ainda que de escassa ou nenhuma moralidade, pois que em matéria de censura literária ninguém batia Moscovo, como bem sabemos.

A questão, todavia, não se prendeu directamente com as *Cartas da Terra*, mas com a *Autobiografia de Mark Twain*. É que, além das reservas manifestadas quanto à publicação das *Cartas*, Clara Clemens impedira Charles Neider de incluir, na sua edição da *Autobiografia*, de 1959, diversas passagens que o pai ditara, relativas ao turbulento ano de 1906. Neider considerou esses trechos «os mais violentos ataques jamais feitos à religião por Mark Twain» e aceitou suprimi-los, o que levou alguns críticos literários soviéticos a afirmarem que Twain era censurado no seu próprio país. Foi com base nisso, confessou Neider ao *The New York Times*, que Clara fora demovida da sua

intransigência quanto à publicação das *Cartas* e que estas puderam por fim ver a luz do dia, por ocasião do 125.º aniversário do nascimento do escritor.

O livro seria dado à estampa pela Harper & Row em Setembro de 1962, tal qual DeVoto o tinha organizado em 1939, ainda que com um prefácio de Henry Nash Smith, a contextualizar a edição, e ainda que alguns dos textos nele inclusos tivessem sido entretanto publicados. As críticas foram entusiásticas e, de um modo geral, consideraram que as *Cartas da Terra* eram, de longe, a parte mais interessante do livro, sendo as demais um *pot-pourri* algo confuso de muitas e variadas coisas, de qualidade bastante desigual³. A obra, de que a revista *Life* havia publicado alguns excertos na sua edição de 28 de Setembro de 1962, alcançou imediato e estrondoso sucesso, entrando directamente para a lista dos livros mais vendidos do *The New York Times* e aí permanecendo em lugar cimeiro durante muito tempo.

Por uma bizarra coincidência, Clara Clemens faleceria em 19 de Novembro desse ano, dois meses após a saída de *Cartas da Terra*⁴, o que veio dar aos responsáveis pelos Mark Twain Papers, mais tarde designado Mark Twain Project, uma total liberdade, há muito ansiada, para finalmente organizar e publicar, sem restrições filiais e interferências externas, a obra de Twain na íntegra e sem cortes. A acrescer a isso, a publicação das *Cartas* teve lugar

no mesmo ano em que os Mark Twain Papers firmaram um acordo de edição com a University of California Press, o que, segundo os especialistas, permitiu desenvolver, ao fim de vários anos, um trabalho editorial crítico, sistemático e profissional que, até então, a obra de Twain não merecera⁵.

Não se sabe se Twain tinha mesmo a intenção de publicar aquelas ímpias missivas, o último grande manuscrito que concluiu em vida, mas, a não ser que se trate de uma graça sua, mais uma, o facto é que na oitava das *Cartas da Terra* colocou a seguinte nota de rodapé: «Tenciono publicar estas Cartas aqui no mundo antes de regressar para junto de vós. Farei duas edições. Uma versão, não editada, destina-se aos leitores da Bíblia e aos seus filhos; a outra, revista, será para pessoas de requinte.»⁶

Em 1973, o Mark Twain Estate publicou, sob edição de Paul Baender, o volume *What Is Man? and Other Philosophical Writings* (Berkeley, University of California Press), contendo uma versão corrigida e anotada das *Cartas da Terra*, a qual se converteu, digamos assim, no texto canónico usado em edições subsequentes, tais como *Collected Tales, Sketches, Speeches, & Essays*, que a Library of America deu à estampa em 1992 (ed. de Louis J. Budd) e *The Bible According to Mark Twain*, editado em 1995 por Howard G. Baetzhold e Joseph B. McCullough (Nova Iorque, Touchstone Books). Paul Baender suprimiu

a numeração das cartas, feita por Bernard DeVoto (e mantida por Nash Smith), mas deixou intocada a sua sequência, a qual resultou da junção, realizada por DeVoto, de dois textos separados, que, muito provavelmente, Twain pensava reunir num só: o primeiro, contendo cerca de 1500 palavras, sem título, descreve a queda e o banimento de Satanás; o outro, com 17 500 palavras de «cartas» propriamente ditas, levava já o título *Cartas da Terra*, mas estas não se encontravam numeradas.

Por fim, mas não por último, uma curiosidade lateral, mas crucial: o «Ashcroft-Lyon Manuscript», a diatribe de 429 páginas que Twain escrevera para se defender da sua ex-secretária e do marido, só seria publicada em 2015, como apenso ao terceiro volume da *Autobiografia*, ainda que já fosse conhecida e estivesse acessível aos investigadores da vida e obra do escritor. A publicação dessa autodefesa, contudo, pouco fez mudar a opinião sobre Isabel Lyon, há muito condenada e proscrita, e que nem referência merece na entrada sobre Mark Twain na Wikipédia em língua inglesa.

*

Cartas da Terra mereceu o favor do público, e a aclamação da crítica, em parte porque saiu num *timing* certo, nos albores dos anos 60, ou seja, num tempo particularmente

disposto a acolher uma obra com este perfil subversivo e crítico, ademais no domínio da religião ou, melhor dizendo, da espiritualidade.

Mais recentemente, e também não por acaso, as atenções concentraram-se nas passagens do livro dedicadas ao sexo, constantes da Segunda Carta:

[...] chamo a vossa atenção para o facto extraordinário pelo qual comecei. A saber, que o ser humano, tal como os imortais, coloca de forma instintiva as relações sexuais muito acima de todos os outros prazeres — no entanto suprimiu-as do seu Céu! Pensar nelas é o bastante para o excitar; uma mera oportunidade fá-lo perder a cabeça; neste estado arriscará a vida, a reputação, tudo — até o seu bizarro Céu — para aproveitar essa oportunidade e a gozar na sua plenitude máxima. Jovens e adultos, homens e mulheres, todos prezam a copulação mais do que todos os outros deleites juntos, mas a verdade é como vos digo: está excluída do Céu; substituem-na pela oração.

Prezam a copulação mais do que tudo; no entanto, tal como todas as ditas «dádivas», é um acontecimento deplorável. Na melhor das hipóteses, e mesmo que dure algum tempo, é uma atividade tão rápida que é difícil de imaginar — para a imaginação

de um mortal, digo. O Homem é limitado em matéria de repetição — ah, muito além da concepção divina. Nós, que alongamos esta prática e os seus supremos deleites durante séculos, de modo contínuo e sem interrupções, nunca seremos capazes de compreender nem de lastimar de forma adequada a terrível miséria destas pessoas em tal proveitosa dádiva que, gozada como nós a gozamos, torna as demais riquezas ordinárias e indignas do esforço de faturar.

Estas linhas têm permitido a alguns dizerem, juntando-lhe um ou outro ingrediente biográfico, ora que Mark Twain tinha uma sexualidade activa e prazerosa, ora que terá sofrido, a dada altura da vida, de problemas nesse campo, havendo mesmo quem afirme que, por volta da meia-idade, terá ficado impotente. Contudo, muito pouco se sabe ao certo, o que tem levado os investigadores a conclusões tão variadas como estas: que o autor de *Tom Sawyer* se masturbava quando jovem; que, quando casado, tirava grande prazer do sexo (e, de caminho, que entendia ser a sexualidade uma parte essencial da felicidade humana, contrariando os rígidos ditames morais vitorianos); que condenava o sexo fora do casamento, considerando-o uma afronta à ordem social, mas que, em simultâneo, terá enganado a mulher algumas vezes; que manteve duas relações homossexuais de longa duração, quando viveu no Nevada

e na Califórnia; que dormia com as suas criadas e delas abusava; e, enfim, que recorria aos serviços de prostitutas quando viajava para a Costa Oeste. O facto é que, e em direitas contas, não possuímos provas directas que atestem nenhuma daquelas «teses», como concluiu quem se debruçou sobre o assunto — e que acrescenta, e bem, que, na ausência de factos credíveis, incontroversos, os nossos contemporâneos preferem especular, não sobre o que verdadeiramente se sabe, mas antes sobre a sexualidade que eles gostariam que Twain tivesse tido⁷.

Mais importante e interessante, por isso, é centrarmonos no cerne destas *Cartas da Terra*, texto de cariz polémico e conspecto voltairiano, que muitos consideram inclassificável do ponto de vista do género literário, que começa com um narrador omnisciente a descrever uma cena no Céu em que intervêm os arcanjos Satanás, Gabriel e Miguel, e depois se concentra no primeiro, em visita à Terra, de onde escreve aos segundos, dando-lhes conta dos desastres dos humanos, criados à semelhança de Deus-Pai.

Não era, de forma alguma, uma temática nova na obra de Mark Twain. Apenas para dar alguns exemplos, logo no primeiro capítulo de *Huckleberry Finn*, de 1884, Huck discorria sobre a natureza do Céu, questão que, de certo modo, também está presente no *Eve's Diary*, de 1906, e sobretudo em *Extract from Captain Stormfield's Visit to Heaven*, que a Harper & Brothers deu à estampa, com

ilustrações de Albert Levering, em 1909, ao tempo em que Twain escrevia estas *Cartas da Terra* — ou o diabo por ele.

Na verdade, é o uso do diabo como narrador, um expediente a que o escritor recorreria em muitos dos seus textos no final da vida, que permite a Twain proferir diversas tiradas blasfemas, como a que alude à masturbação, na Décima Carta (recorde-se que, na Primavera de 1879, Twain proferira no The Stomach Club, de Paris, uma conferência intitulada «Some Thoughts on the Science of Onanism», a qual, depois de circular semiclandestinamente durante décadas, seria divulgada *urbi et orbi* pela *Playboy*); ou aquela que, logo no próêmio, põe Deus a criar o universo não por força da palavra, mas do pensamento; ou ainda a que, na Sexta Carta, questiona a veracidade do episódio de Noé e coloca este e a sua família infestados de micróbios, «de longe, o carregamento mais importante da Arca» (lembre-se que, em 1905, Twain escrevera uma novela de ficção científica, inacabada, com o título «Three Thousand Years Among the Microbes»); ou ainda a que, ao longo de todo o livro, constituindo o seu fulcro, dessacraliza por completo a narrativa bíblica, virando-a do avesso, soterrando-a sob um aluvião satírico e burlesco cujo produto final é, se quisermos, um *cosmos cómico*, que Twain, qual demiurgo, cria ou recria para provocar a gargalhada de todos nós, filhos de Deus, e — quem sabe? — do próprio Deus.

Porém, esta «contra-teologia», como alguém já lhe chamou⁸, não equivale a uma ausência de princípios ou predicados morais. Pelo contrário, ela sublinha a cada instante a necessidade imperativa de respeitarmos a base e o fundamento de todas as coisas — a verdade, sempre a verdade, contra a mentira e a falsidade quotidianas — e de termos consciência da profunda e radical imperfeição do Homem, ao qual a liberdade concedida por Deus pouco ou nada aproveitou ou, melhor dizendo, só serviu para criar sofrimentos atrozes, guerras sem tréguas, injustiças abjectas. «A história da humanidade ao longo dos séculos está manchada de sangue, amarga de ódio e manchada por crueldades», diz-se na Décima Primeira Carta, a última de todas, aquela em que se faz um exame e um balanço à Humanidade, que Deus criou como uma «experiência», em tudo igual à dos outros animais. «O Homem é uma experiência, os animais são outra experiência. O tempo dirá se foram experiências que valeram a pena», afirma Deus no próêmio e, não por acaso, também no próêmio, Satanás observa o mundo através de um «microscópio poderoso».

A Criação, toda ela, não passa, assim, de um ensaio laboratorial, de um teste que Deus fez e faz ao Homem — e a Ele próprio. O resultado foi «um lugar estranho, um lugar extraordinário e interessante», diz Satanás, um lugar dominado pela insanidade, pela loucura que leva

os homens a acreditarem que são a mais nobre e perfeita obra divina e, mais grave ainda, a julgarem que um dia irão para o Céu (onde, de resto, serão privados do que mais gostam, o sexo, e obrigados a rezar e a cantar incessante e eternamente, uma maçadoria *ad infinitum*, é certo, mas que Deus aprecia muito).

No seu trajecto por esta Terra, o lugar de onde Satanás escreveu aos seus irmãos arcanjos, Samuel Clemens começou por tentar ser um cristão cumpridor e devoto. Depois, a meio da vida, ia à igreja quase por rotina, para escutar os sermões do seu amigo Joseph Twichel e a seguir provocá-lo com sarcasmos e paganismos. A fama alcançada no final da vida, com plateias cheias para ouvirem as suas opiniões sobre os mais variados assuntos políticos e sociais, mas também a tragédia, a incomensurável tragédia, patente num cortejo de mortes e de crises, fizeram-no afastar-se mais, ainda mais, da religião praticada e da fé institucional, em nome das quais, dizia, se enviavam missionários para paragens remotas, a catequizar inocentes e a apoiar quimeras imperialistas, responsáveis por mil e uma barbáries no Congo, na China, na África do Sul, em toda a parte. Após a morte de Olivia, e depois das filhas, tornou-se ainda mais amargo e descrente e, um dia, na sequência de uma discussão mais acesa, Twichel escreveu-lhe, dizendo que ele se estava a tornar ortodoxo em excesso na defesa da «doutrina da Total Depuração Humana».

A resposta de Twain seguiu rápida, mas cortante: «When a man is a pessimist before 48 he knows too much; if he is an optimist after it, he knows too little.»

Escritas por Mark Twain nos últimos meses de vida, muito depois de ter feito 48 anos, *Cartas da Terra* são, ou pretendem ser, um exercício radical de lucidez e de livre-pensamento. Cada qual dirá se concorda ou discorda do resultado alcançado, presente nas páginas que seguem. Ninguém, contudo, poderá negar a coragem e o arrojo deste divertimento literário, mais sério do que parece: Mark Twain concebeu um Deus sádico e malévolos quando se preparava para enfrentá-Lo.

PARA SABER MAIS

Para quem quiser saber mais, o Mark Twain Project disponibiliza uma assombrosa quantidade de informação em linha, entre cartas, escritos e imagens: <https://www.marktwainproject.org/>. **Sobre a relação de Twain com as Bermudas**, que o escritor visitava regularmente desde 1877, e de onde regressou apenas uma semana antes de morrer, a obra clássica é de Elizabeth Wallace, *Mark Twain and the Happy Island* (1913), mas, para uma primeira abordagem, pode consultar-se a entrada «Bermuda» in R. Kent Rasmussen, *Mark Twain. A Literary Reference to His Life*

and Work, com comentários críticos de John H. Davis e Alex Feest, Nova Iorque, Facts on File, 2007, p. 594, ou Roy Morris, Jr., *American Vandal. Mark Twain Abroad*, Cambridge, Mass., Londres, The Belknap Press of Harvard University Press, 2015, pp. 60-61 e em esp. pp. 226-228. **Para um apontamento biográfico sobre o reverendo Joseph Twichel**, cf. Steve Courtney, «The Handsomest Man That Ever Was: Twain's Joseph Twichel», Center for Mark Twain Studies, 8 de Setembro de 2022, in <https://marktwainstudies.com/the-handsomest-man-that-ever-was-twains-joseph-twichell/>, consultado em 24 de Abril de 2023. **Sobre os anos finais de Mark Twain**, marcados pela morte da mulher e das filhas Susy e Jean, mas também por algumas zonas de sombra no plano afectivo e sexual em torno do Angel Fish and Aquarium Club, um clube para raparigas entre os dez e os dezasseis anos que o escritor fundara em 1906, cf. o controverso livro de Karen Lystra, *Dangerous Intimacy. The Untold Story of Mark Twain's Final Years*, Berkeley, University of California Press, 2004; sem o intuito polemizante do livro de Lystra, cf. Ron Powers, *Mark Twain. A Life*, Nova Iorque, Free Press, 2005, pp. 599ss, Justin Kaplan, *Mr. Clemens and Mark Twain. A Biography*, reimp., Nova Iorque, Simon & Schuster, 2006, pp. 358ss, Fred Kaplan, *The Singular Mark Twain. A Biography*, Woodston, Anchor Books, 2005, pp. 613ss, Michael Sheldon, *Mark Twain, Man in White. The Great Adventure of His Final*

Years, Nova Iorque, Random House, 2010, e, bem assim, Harold K. Bush Jr., *Mark Twain and the Spiritual Crisis of His Age*, Tuscaloosa, The University of Alabama Press, 2007, pp. 233ss. **Sobre Isabel Lyon**, cf. ainda Laura Skandera Trombley, *Mark Twain's Other Woman: The Hidden Story of His Final Years*, Nova Iorque, Alfred Knopf, 2010, e, **sobre o «Ashcroft-Lyon Manuscript»**, cf., entre tantos outros, Amanda Gagel, «Letters as Critical Texts. A Consideration of Mark Twain's "Ashcroft-Lyon Manuscript"», *The Annual of the Association for Documentary Editing*, vol. 36, 2015, s/p, in <https://scholarlyediting.org/2015/essays/essay.gagel.html>, consultado em 24 de Abril de 2023. **Sobre a religião e a teologia em Mark Twain** a bibliografia é imensa. Pode encontrar-se uma excelente introdução panorâmica no ensaio de Stanley Brodwin, «Mark Twain's Theology: The Gods of a Brevet Presbyterian», in Forrest G. Robinson (ed.), *The Cambridge Companion to Mark Twain*, Cambridge, Cambridge University Press, 1995, pp. 220-248; cf. ainda Stanley Brodwin, «The Theology of Mark Twain: Banished Adam and the Bible», *Mississippi Quarterly*, vol. 29, Primavera de 1976, pp. 167-189; ou William E. Phipps, *Mark Twain's Religion*, Macon, Mercer University Press, 2003, bem como vários dos ensaios publicados por Alan H. Goldman, *Mark Twain and Philosophy*, Lanham, Rowan & Littlefield, 2017. **Sobre a visão antropológica de Mark Twain**, com referências às *Cartas da Terra*, cf. Tom Quirk,

«Mark Twain and Human Nature», in Peter Messent e Louis J. Budd, *A Companion to Mark Twain*, Malden, Blackwell Publishing, 2005, pp. 21ss. **Sobre Twain em Portugal**, cf. o catálogo *Mark Twain em Portugal*, Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal, 2010, com um estudo de Isabel Oliveira Martins e Maria de Deus Duarte, «Mark Twain em Portugal: periódicos e edições em livro», pp. 9-22. Em 2018, publiquei «Das trevas, coração: Mark Twain e o Congo de Leopoldo», como prefácio ao *Solilóquio do Rei Leopoldo*, Lisboa, Quetzal Editores, que pode interessar como complemento sobre o final da vida de Mark Twain. Antes do presente livro, houve outras duas edições portuguesas de *Cartas da Terra*, ambas recentes: a primeira, pela editora Mareantes, em 2004, com tradução de Liliana Nogueira e revisão e introdução de Luís Nogueira, bem como uma bibliografia final; a segunda, pela Bertrand, em 2009, com tradução de Miguel Baptista, incluindo os «Diários da Família Adão», pp. 81ss.

António Araújo

O autor deste texto não escreve segundo o novo Acordo Ortográfico.

NOTAS

¹ Sobre a viagem de Twain às Bermudas, em Novembro de 1909, há versões contraditórias e, numa mesma obra, para mais considerada «de referência», tanto se afirma que o escritor se deslocou na companhia do reverendo Joseph Twichel como na de Albert Bigelow Paine, seu biógrafo: cf. R. Kent Rasmussen, *Mark Twain. A Literary Reference to His Life and Work*, com comentários críticos de John H. Davis e Alex Feest, Nova Iorque, Facts on File, 2007, p. 14 e p. 594, respectivamente.

² No entanto, e como já alguém observou, o problema não era com o facto de as *Cartas* ocultarem a verdadeira visão de Twain sobre a religião, mas antes de a revelarem de forma tão eloquente! Cf. Craig Vasey, «The Gospel According to Mark (Twain)», in Alan H. Goldman, *Mark Twain and Philosophy*, Lanham, Rowan & Littlefield, 2017, p. 76.

³ Cf., nesse sentido, a recensão de John Gerber na revista *American Literature*, vol. 36, n.º 2, Maio de 1964, p. 220.

⁴ É no mínimo estranho que, numa obra de referência como o *The Oxford Companion to Mark Twain*, de Gregg Camfield (Oxford, Oxford University Press, 2003), se afirme, na p. 344, que Clara Clemens Gabrilowitsch (a qual, de resto, na altura se chamava Clara Clemens Samossoud, pois enviudara de Gabrilowitsch e casara em 1944 com Jacques Samossoud, também russo e músico — maestro —, vinte anos mais novo do que ela) morreu em Setembro de 1962, antes da publicação das *Cartas da Terra*. Na verdade, Clara faleceu em 20 de Novembro de 1962, com as *Cartas* já publicadas: cf. *The New York Times*, de 21 de Novembro de 1962.

⁵ Cf. R. Kent Rasmussen, *Mark Twain. A Literary Reference to His Life and Work*, com comentários críticos de John H. Davis e Alex Feest, Nova Iorque, Facts on File, 2007, p. 291.

⁶ Ainda assim, a opinião dominante é a de que Twain não tinha intenção de publicar nem *Letters from the Earth* nem a *Letter to the Earth*: cf., neste sentido, entre tantos outros, Craig Vasey, «The Gospel According to Mark (Twain)», in Alan H. Goldman, *Mark Twain and Philosophy*, Lanham, Rowan & Littlefield, 2017, p. 67.

⁷ Cf. Gregg Camfield, «Sex and Sexuality», in *The Oxford Companion to Mark Twain*, Oxford, Oxford University Press, 2003, pp. 548-549.

INTRODUÇÃO

⁸ Cf. Stanley Brodwin, «Mark Twain's Theology: The Gods of a Brevet Presbyterian», in Forrest G. Robinson (ed.), *The Cambridge Companion to Mark Twain*, Cambridge, Cambridge University Press, 1995, pp. 220-248. Num registo próximo, há quem lhe chame «rebelde metafísico»: cf. James M. McLachlan, «Mark Twain and the Problem of Evil. *The Mysterious Stranger*, *Letters from the Earth*, and *The Diaries of Adam and Eve*», in Alan H. Goldman, *Mark Twain and Philosophy*, Lanham, Rowan & Littlefield, 2017, p. 81.

Cartas da Terra

O Criador estava sentado no trono, pensativo. Por trás dele estendia-se o imensurável continente celeste, banhado numa glória de luz e cor; a escuridão noturna do Espaço erguia-se como um muro à Sua frente. A robustez do Seu porte imenso sobressaía como uma montanha em direção ao zénite, e a Sua divina cabeça resplandecia ao alto como um sol distante. A Seus pés estavam três figuras colossais, reduzidas a uma ínfima existência por comparação — arcanjos cujas cabeças estavam ao nível dos Seus tornozelos.

Quando terminou de pensar, o Criador disse:

— Pensei. Olhai!

Ergueu a Sua mão, e dela irrompeu uma nascente de fogo, em repuxo, um milhão de sóis prodigiosos que sulcaram a escuridão e se lançaram para longe, bem longe, cada vez mais longe, perdendo magnitude e intensidade ao romper as fronteiras longínquas do Espaço, até se tornarem reluzentes diamantes minúsculos pregados no teto abobadado e imenso do universo.

Passada uma hora, o Supremo Conselho foi dissolvido.

Os seus membros deixaram a Divina Presença, impressionada e pensativa, e retiraram-se para um local privado, onde pudessem conversar à vontade. Nenhum dos três parecia querer começar, apesar de todos desejarem que alguém o fizesse. Estavam todos ansiosos por debater o grande acontecimento, mas nenhum se queria comprometer até ter ouvido a opinião dos restantes. Houve portanto alguma conversa inútil e hesitante sobre assuntos sem importância, cujo fastio se arrastou durante um tempo, até que por fim o arcanjo Satanás se encheu de coragem — qualidade de que dispunha boas provisões — e lançou a primeira pedra. Disse ele:

— Sabemos que assunto nos traz aqui, meus senhores, e será melhor pormos os subterfúgios de lado e começar. Se é esta a opinião do Conselho...

— É sim, é sim! — interromperam, agradecidos, Gabriel e Miguel.

— Muito bem, prossigamos então. Fomos testemunhas de algo maravilhoso; a esse respeito não há discórdia possível. Já o seu valor (se é que tem algum) não é assunto que nos diga respeito. Podemos opinar sobre ele o que nos aprouver, e a isso estamos limitados. Não temos voto na matéria. Acredito que o Espaço estava bem como estava, até tinha alguma utilidade. Frio e escuro... um lugar sereno, de quando em vez, após um período

num clima por demais instável e repleto de esplendores fastidiosos no Céu. Mas estes são pormenores que não merecem atenção; a novidade, a imensa novidade... qual é, senhores?

— A invenção e o estabelecimento de uma Lei mecânica, não vigiada e de regulação automática para o governo dessas miríades de sóis e de mundos giratórios e desgobernados!

— É isso mesmo! — disse Satanás. — Compreendeis o quão estupenda é essa lei. O Intellecto Supremo nunca terá criado nada que se lhe compare. Lei: uma Lei *Automática*, uma Lei exata e invariável que não requer controlo, nem correção, nem ajustes ao longo de toda a eternidade! Ele afirmou que esses inúmeros corpos gigantesco haviam de precipitar-se através da imensidão do Espaço ao longo dos tempos, a uma velocidade inimaginável, descrevendo órbitas estupendas, e ainda assim nunca embatendo uns nos outros, sem nunca alargarem nem encurtarem o seu período orbital um centésimo de segundo sequer em dois mil anos! É esse o novo milagre, e o mais grandioso de todos — Lei Automática! E Ele deu-lhe um nome — a LEI DA NATUREZA — e afirmou que a Lei Natural é a LEI DE DEUS: termos comutáveis entre uma e outra.

— Sim — disse Miguel —, e Ele afirmou que ia instaurar a Lei Natural (a Lei de Deus) em todos os Seus domínios, e que a autoridade da lei seria suprema e inviolável.

— Além disso — acrescentou Gabriel —, Ele disse que em breve ia criar animais, e que também esses seriam postos sob a autoridade da Lei.

— Sim — disse Satanás. — Eu ouvi-O, mas não compreendi. O que é animais, Gabriel?

— Ah, como poderei eu saber? Como poderá algum de nós sabê-lo? É uma palavra nova.

[*Intervalo de três séculos, tempo celeste — o equivalente a cem milhões de anos, tempo terrestre. Entra um Anjo-Mensageiro.*]

— Meus senhores, Ele está a criar animais. Gostariam de vir assistir?

Foram, viram e ficaram perplexos. Deveras perplexos. O Criador reparou nisso e disse:

— Perguntai. Eu responderei.

— Divindade — disse Satanás, curvando-se em reverência —, para que servem eles?

— São uma experiência de Moral e Conduta. Observai-os e aprendei.

Havia milhares de seres. Repletos de atividade. Ocupados, todos ocupados; na sua maioria em perseguições entre si. Comentou Satanás, depois de ter observado um deles através de um microscópio poderoso:

— O bicho avultado está a matar animais mais fracos, Divindade.

— O tigre, sim. A lei da sua natureza é a ferocidade. A lei da sua natureza é a Lei de Deus. Ele não pode desobedecer-lhe.

— Seguindo os seus preceitos, ele não comete ofensa, Divindade?

— Não, ele é inocente.

— Esta outra criatura é tímida, Divindade, e aceita morrer sem oferecer resistência.

— O coelho, sim. É desprovido de coragem. É a lei da sua natureza: a Lei de Deus. Ele tem de obedecer-lhe.

— Não se lhe poderá portanto exigir em honra que vá contra a sua natureza e resista, Divindade?

— Não. A nenhuma criatura se poderá exigir em honra que vá contra a lei da sua natureza: a Lei de Deus.

Passado muito tempo e depois de várias perguntas, Satanás disse:

— A aranha mata a mosca, e come-a; o pássaro mata a aranha, e come-a; o gato-montês mata o ganso; o... bem, todos se matam uns aos outros. É assassinio em série. Temos aqui um sem-número de criaturas, mais do que conseguimos contar, e todas elas matam, matam, matam. São todas assassinas. E não têm culpa, Divindade?

— Não têm culpa. É a lei da sua natureza. E a lei da natureza é sempre a Lei de Deus. Agora, vede! Olhai! Uma criatura nova, e a obra-prima, o *Homem*!

Homens, mulheres e crianças chegaram em bando, aos magotes, aos milhões.

— O que fará com eles, Divindade?

— Todos os indivíduos receberão, em matizes e graus diferentes, e ao ritmo de uma característica distintiva de cada vez, o conjunto das várias Qualidades Morais que foram distribuídas pelo reino animal: coragem, covardia, ferocidade, gentileza, beleza, justiça, astúcia, perfídia, grandeza, crueldade, malícia, crueldade, luxúria, misericórdia, piedade, pureza, egoísmo, brandura, honra, amor, ódio, vileza, nobreza, lealdade, falsidade, veracidade, mentira. Cada ser humano terá tudo isto dentro dele, e a sua natureza será assim constituída. Nalguns, elevadas e propícias características subjugarão as maléficas, e esses serão chamados homens bons; noutros, as características más serão preponderantes, e esses serão chamados homens maus. Vede! Olhai! Eis que desaparecem!

— Para onde foram, Divindade?

— Para a Terra; eles e todos os seus semelhantes animais.

— O que é a Terra?

— Um pequeno globo que criei, em tempos, há dois tempos e meio. Tê-lo-eis visto, mas não o reconhecestes por entre a explosão de mundos e sóis que brotou da minha mão. O Homem é uma experiência, os animais são

outra experiência. O tempo dirá se foram experiências que valeram a pena. A apresentação terminou; podeis retirar-vos, meus senhores.

Passaram vários dias.

Isso corresponde a um longo período do (nosso) tempo, dado que um dia celeste equivale a mil anos.

Satanás tinha vindo a tecer reparos de admiração sobre algumas das cintilantes diligências do Criador — reparos esses que, lidos nas entrelinhas, eram sarcásticos. Dizia-os em confiança aos amigos certos, os outros arcanjos, mas uns anjos regulares ouviram-nos e reportaram o incidente ao Quartel-General.

Satanás foi condenado ao desterro durante um dia — um dia celestial. Era um castigo ao qual estava habituado, por conta da sua língua demasiado afiada. No passado, tinham-no deportado para o Espaço, dado que não havia outro lugar para onde o enviar, e por lá esvoaçara, entediado, na noite eterna e no frio glacial; mas desta vez teve a ideia de seguir em frente e procurar a Terra, para averiguar como a experiência da Raça Humana se estava a desenrolar.

Passado algum tempo, enviou uma carta para casa, em sigilo absoluto, endereçada a São Miguel e São Gabriel, a relatar o que viu.

«O Homem reza ao Criador, e pensa que Ele o ouve. Não é uma ideia bizarra?»

Exilado do Céu por escarnecer da obra divina, Satanás decide visitar a Terra para observar a mais recente experiência do Criador: a Humanidade. O que aqui encontra é motivo de tamanha incredulidade, que decide escrever aos arcanjos Miguel e Gabriel, narrando com estranheza e sarcasmo as contradições que orientam a relação entre Deus, injusto e cruel, e os humanos, que lhe prestam adoração irracional. Em tom mordaz e irónico, as missivas denunciam as práticas religiosas do Homem, vazias e fúteis, e os defeitos de um deus que criou o Inferno para negar às suas criaturas o derradeiro alívio das provações a que as submete — a morte.

Em *Cartas da Terra*, publicadas postumamente, Mark Twain revela um pessimismo e desencanto característicos das suas obras tardias, dando a conhecer outra faceta de um dos autores mais profícuos do século XIX.

P E N G U I N



C L Á S S I C O S

Tradução de Madalena Caramona
Introdução de António Araújo



Descrição de uma mosca
ao microscópio
1760 (gravura)
Adam Wolfgang
Winterschmidt

© Biodiversity Heritage
Library/Public Domain
Review



penguinlivros.pt



[penguinlivros](https://www.instagram.com/penguinlivros)



Penguin
Random House
Grupo Editorial

ISBN 9789897847943



9 789897 847943 >